



A cultura da mídia gaúcha e as questões de texto, contexto e recepção¹

Fábio Souza da Cruz (Universidade Católica de Pelotas)²

Resumo: O estudo investiga as relações entre o telejornal Jornal do Almoço (JA), da RBS TV (emissora da Rede Globo de Televisão), com a produção de sentido de integrantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). A pesquisa adota como marcos teórico-metodológicos, os pressupostos de Douglas Kellner (2001), Roland Barthes (1971) e Jesús Martín-Barbero (1997). O corpus do trabalho abrange edições do JA que contemplaram o Movimento durante o mês de março de 2006. O objeto empírico da investigação constitui-se a partir de um grupo de assentados que foi reunido no assentamento “Pitangueiras”, localizado no interior do município de Canguçu, a 298 Km de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: Movimentos sociais; mídia gaúcha; telejornalismo; produção; recepção.

INTRODUÇÃO

Este trabalho estudará a produção de sentido de integrantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) com relação aos textos veiculados pelo JA (Jornal do Almoço), da RBS TV, emissora da RBS (Rede Brasil de Comunicação), afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul.

O MST surge na cidade paranaense de Cascavel, em 1984, e consiste em um movimento social formado por pessoas dos meios rural e urbano. Seus integrantes são oriundos das mais diversas partes deste mosaico social que é o Brasil, e consistem em atores que lutam pela terra, para trabalhar, reivindicando, ao mesmo tempo, a implantação de uma reforma agrária no País.

Já a RBS é considerada a emissora de maior audiência do Rio Grande do Sul, consistindo, assim, em um dos principais agentes de mediação da cultura no Estado, possuindo caráter hegemônico. Nesse sentido, desde meados dos anos de 1970, o JA se mantém à frente dos demais telejornais somados.

¹ Trabalho apresentado ao GT de Comunicação Aplicada ou Segmentada, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Doutor em Comunicação e Práticas Sócio-Políticas (Faculdade de Comunicação Social – PUC/RS). Professor da Escola de Comunicação Social (ECOS) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). E-mail: fabiosouzadacruz@gmail.com.



Em primeiro lugar, será apresentado um breve histórico do MST, relacionando as lutas dos agricultores com a política brasileira a partir de 1984, ano de fundação do Movimento. Posteriormente, será apresentado um perfil da RBS e do telejornal em estudo, o JA.

Como pressupostos teórico-metodológicos, a pesquisa adotará Douglas Kellner (2001), Roland Barthes (1971) e Jesús Martín-Barbero (1997). Através desse cabedal, a presente investigação fará uma articulação entre os movimentos de produção (JA) e recepção (MST).

A técnica utilizada na recepção será o grupo de discussão. Assim, objetiva-se detectar tendências de posicionamentos dos movimentos sociais sobre a grande mídia, com base em integrantes do MST. Neste sentido, o corpus de estudo da investigação é composto por edições do JA apresentadas durante o mês de março de 2006. O enfoque empírico da pesquisa consistirá em um grupo de agricultores que pertence a assentamentos localizados no interior do município de Canguçu, situado a 298 Km da capital gaúcha Porto Alegre.

Cabe também salientar que o trabalho pretende fugir de um mero exercício de “satanização” da mídia. Mesmo reconhecendo que, na cultura da mídia, há representações produzidas, que, intencionalmente ou não, estereotipam – negativa ou positivamente – certas pessoas ou instituições, ressalta-se que a prática panfletária do discurso foge dos propósitos desta investigação.

Por isso, além do estudo de recepção proposto aqui, julga-se salutar analisar o texto, dispensando, neste caso, atenção ao primeiro movimento do processo de cultura, exposto por Johnson (1999), o contexto de produção dos textos midiáticos, considerando um cenário permeado pela lógica capitalista, que implica também relações de poder. Salienta-se aqui que a investigação receptiva proposta não pretende generalizar os resultados a partir de um número limitado de receptores. Tem como objetivo apenas detectar posicionamentos no interior de uma identidade cultural particular.

1. O MST e a Trajetória de Luta pela Terra

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) foi gestado a partir de 1979, motivado por inúmeros acontecimentos, dentre eles “o aspecto sócio-econômico das transformações que a agricultura brasileira sofreu na década de 1970” (STEDILE E FERNANDES, 2001, p.151). O que acontece, então, é um processo de



modernização das tecnologias no campo, ao mesmo tempo em que se mantém a concentração de terras o que, conseqüentemente, acarreta a exclusão social.

Tendo sua origem vinculada principalmente às lutas que aconteceram no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, o Movimento também deve muito de sua força à Comissão Pastoral da Terra (CPT), que surge em 1975, em Goiânia, capital do estado de Goiás.

Com a frase “Ocupação é a única solução” (STEDILE E FERNANDES, 2001, p.52), o MST foi oficializado no mesmo período em que o País lutava pela volta da democracia, em 1984, durante o primeiro Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem-Terra, em Cascavel (Paraná). Clamando novamente por uma reforma agrária urgente, o MST vai além: critica o Estatuto da Terra e sugere a criação de leis novas.

Em seu primeiro discurso, na madrugada de 22 de abril de 1985, logo após o falecimento de Tancredo Neves, dentre outras medidas, José Sarney (1985-1989) promete implantar a reforma agrária no País, o que não ocorre. Esse governo marca um período de ocupações de sedes do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), além de uma série de desapropriações e assentamentos.

Mais tarde, em 1989, durante o período das eleições presidenciais no País, “Ocupar, resistir e produzir” é definida como a nova palavra de ordem do Movimento (STEDILE E FERNANDES, 2001, p.53). Nesse mesmo ano, a vitória de Fernando Collor de Melo (1990-1992) sobre Luiz Inácio Lula da Silva indicaria um futuro difícil para o MST. O eleito entra para a história como o que menos assentou famílias. Pelo contrário, foi quem mais reprimiu os Sem-Terra, com invasões da polícia federal a secretarias estaduais do MST, acarretando roubo de documentos, além de processos judiciais e pedidos de prisão contra membros do Movimento. Com um governo marcado pela corrupção, Collor sofre o processo de *impeachment* em 1992. Assume, então, o seu vice, o mineiro Itamar Franco (1992-1994), que, dentre os presidentes da república, foi o primeiro a receber o MST.

Como presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) assentou milhares de famílias, mas, no entanto, a política neoliberal de seu governo promoveu a pobreza no campo o que, entre outros fatores, acabou engrossando os chamados cinturões de miséria no meio urbano.

A esperança de novos rumos para o MST surge através da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em outubro de 2002. Apesar disso, o que se seguiu foi uma política agrária que, comparada ao momento anterior, teve poucas mudanças significativas, o que gerou frustração por parte dos Sem-Terra.

O Movimento atua em 23 estados e sua direção nacional é formada por 21 membros; conta com associações de produção, comercialização e serviços, cooperativas de produção agropecuária e de prestação de serviços, cooperativas regionais de comercialização e cooperativas de crédito, além de pequenas e médias agroindústrias, que processam frutas, hortaliças, leite e derivados, grãos, café, carnes e doces (MORISSAWA, 2001).

Como identidade visual, o MST apresenta “a bandeira, o hino, as palavras de ordem, as ferramentas de trabalho (...) [e o] uso do boné (...)” (STEDILE E FERNANDES, 2001, p.132). Entretanto, sua marca é criada a partir de uma ausência, a de não possuir terra. O Movimento luta pelo direito à terra, ao trabalho e a sobrevivência. Sem isso, o agricultor perde a sua dignidade, dando-se por vencido.

No que se refere ao setor de comunicação, o MST produz um jornal mensal, o “Sem-Terra”, desempenha atividades de assessoria de imprensa do próprio Movimento e, além disso, possui programas de rádio em emissoras locais espalhadas por boa parte do País.



Depois de passar por várias fases no que se refere à sua organização e construção, o MST chega aos dias de hoje tendo a reforma agrária como uma de suas principais bandeiras de luta. No entanto, essa não é mais a sua única preocupação. Agora também apresentam novas frentes reivindicatórias de crédito, escola, saúde e moradia. O Movimento busca, portanto, o exercício da democracia, da cidadania e da participação dos trabalhadores enquanto construtores de suas próprias histórias e da sociedade em que estão inseridos. Essa atividade responde à decisão de que a batalha dos Sem-Terra não termina com a conquista da terra.

2. A RBS TV e o JA: um breve perfil

Primeira afiliada da Rede Globo no País, a RBS é um conglomerado de comunicação pertencente à família Sirotsky. Apresenta, em seus marcos iniciais, a filiação de Maurício Sirotsky Sobrinho à Rádio Gaúcha, na condição de sócio, em 1957. Cinco anos depois, a TV Gaúcha é criada em Porto Alegre. Em 1967, associa-se à Rede Globo (CRUZ, 1996; ISER, 2005) e, mais tarde, passa a se chamar RBS TV.

Desde então, a RBS TV distribui a sua programação intercalando as produções que vêm da matriz com material da própria emissora. Prioriza noticiários, esporte, cultura, saúde e entretenimento. Além disso, apresenta uma marcada identidade gaúcha, ilustrada em documentários, programas jornalísticos e musicais.

Além da emissora de Porto Alegre, a RBS TV conta com onze sucursais espalhadas pelo interior do Rio Grande do Sul, além de cinco distribuídas pelo vizinho Santa Catarina. Dando espaço à cultura regional dos dois estados, a RBS TV abrange 99,7% das casas que possuem televisão.

Nos noticiários televisivos, a RBS TV tem a sua principal produção. Desta forma, a emissora demonstra a preocupação em veicular informações de interesse de cada região. Além do matutino “Bom Dia Rio Grande” e do noturno “RBS Notícias”, apresenta, ao meio-dia, o “Jornal do Almoço”.

Indo ao ar de segunda-feira a sábado, o JA apresenta, em suas edições, notícias vinculadas às áreas econômica, política, policial, de entretenimento e cultura. Não obstante a isso, informa a previsão do tempo e mostra entrevistas ao vivo (no estúdio e externas). Possui dois apresentadores em sua bancada, além de comentaristas.

No ar desde 1972, o JA possui, atualmente, cerca de 45 minutos. Intercala blocos de interesse geral, transmitidos, na maioria das vezes, pela principal emissora (Porto Alegre), com blocos específicos para cada região, “(...) apresentados pelas emissoras do interior do estado, cada qual na sua região de cobertura (...)” (ISER, 2005, p.49).

Detentor de grande audiência entre os telejornais produzidos no Rio Grande do Sul, o JA constitui-se, desta forma, num espaço de tematização da cultura gaúcha. Justamente por possuir interesse em reforçá-la, a questão rural é também abordada pelo



JA. Inserem-se, nesta perspectiva, os movimentos sociais ligados à questão do campo. Deste cenário, portanto, faz parte o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

3. Novos Olhares sobre a Mídia: a pedagogia crítica e as mediações

De origem norte-americana, Douglas Kellner tem seu lugar de fala nos movimentos de contracultura dos anos de 1960, na recessão da primeira metade da década de 1970 e na implosão da Rússia, a partir de 1980. Articulador de teorias, o autor afirma que não há justificativa para estudar em separado a cultura e os estudos da mídia num processo em que estes são englobados por aquela.

Para Kellner, a leitura dos estudos culturais críticos é política. Reflete o cenário de práticas e discursos da sociedade. Assim, nesta realidade, torna-se imprescindível e ao mesmo tempo enriquecedor investigar, de maneira interdisciplinar, os sentidos que a cultura da mídia produz nas pessoas e, ainda, quais os movimentos contra-hegemônicos que podem ser detectados nessa.

Há, na sociedade, uma nítida separação entre forças hegemônicas e contra-hegemônicas. Através do poder simbólico, essa perspectiva se insere também na cultura da mídia, com vistas a manter o pensamento da classe que está no poder. Observa-se também que todas as situações, todos os conflitos da atualidade são perpassados pelos meios de comunicação, que resultam, assim, no braço mais poderoso da cultura. Inerente ao poder, ela (a mídia) consiste no centro de todos os acontecimentos do mundo contemporâneo. Nesta realidade, diversos grupos sociais procuram utilizá-la a fim de divulgar suas ideologias à sociedade.

Por outro lado, não raramente, constata-se que a mídia lança mão do *fait divers* em suas produções. Os “Casos do Dia”, mais conhecidos por *fait Divers*, consistem em uma das principais categorias de Barthes, voltada para os meios de comunicação. Com uma abordagem estruturalista, ele lhe deu conceito, tipologia e subtipologia. Assim, estabeleceu a sua teorização.

O *fait Divers* é a informação sensacionalista. Diariamente, vivencia-se uma magnífica exploração dessa categoria na imprensa, quando essa é classificada como informação geral. Alguns exemplos de *fait Divers* desenvolvem-se durante vários dias, o que não quebra sua imanência constitutiva, porque implica, sempre, uma memória curta, efêmera.

Para Ramos (1999), as relações que dizem respeito ao *fait Divers* expressam conflito, atingem a emoção do receptor, independentemente de seu estilo jornalístico; são constituídas pelo excepcional, pelo grotesco, que valorizam o espetacular, e podem ser reduzidas em dois tipos básicos: causalidade e coincidência. Ambos apresentam subtipologias respectivas, direcionadas para a compreensão da excepcionalidade, condição do estabelecimento da noção de conflito.

O *fait Divers* de Causalidade revela dois tipos: a causa perturbada, quando se desconhece, ou não é possível precisar a causa, e, ainda, quando uma pequena causa provoca um grande efeito; e a causa esperada, em que, quando a causa é normal, a ênfase desloca-se para a “*dramatis personae*” (personagens dramáticos), como, por exemplo, crianças, mães e velhos (Barthes, 1971, p. 267-271).

Na causa perturbada, ocorrem fatos excepcionais, espantosos, que implicam perturbação, conflito. Há um efeito (o conflito surge daí). No entanto, a causa é desconhecida, imprecisa, ou, até mesmo, ilógica, sem sentido. Não obstante, uma pequena causa pode provocar um grande efeito. Há uma riqueza de desvios causais. Devido a certos estereótipos, espera-se uma causa e surge outra, mais pobre do que a esperada. Neste gênero de relação causal, há o espetáculo de uma decepção; paradoxalmente, quanto mais escondida, mais notada será essa causalidade.

Barthes (1971, p.271-274) divide o *fait Divers* de coincidência em dois tipos: de repetição — quando a informação repetida leva a imaginar causas desconhecidas, que ocorrem em circunstâncias diferentes — e de antítese, quando se aproximam dois termos qualitativamente distantes.

A antítese une dois termos opostos, como se nunca tivessem sido, estabelecendo a noção de conflito, disponibilizando a emocionalidade. Em cada termo, pertencendo a um percurso autônomo de significação, a relação de coincidência apresenta, como função paradoxal, fundir dois percursos diferentes em um percurso único.

Tendo em vista a realidade exposta, nos estudos da cultura da mídia propostos por Kellner (2001), em uma determinada circunstância histórica, são analisadas a produção da cultura midiática, sua distribuição, através de um meio técnico ou canal, o texto e a recepção deste pelos públicos, também dentro de um contexto.

O processo de produção implica, portanto, recepção. Neste sentido, Jesús Martín-Barbero (1997) atenta para os lugares de fala dos indivíduos. É importante averiguar em que condições as falas estão sendo constituídas e construídas. Estas “posições de enunciação” (HALL, 1996) são individuais e baseiam-se em um contexto



particular e, ao mesmo tempo, público, ou seja, referem-se à identidade cultural de cada pessoa a qual, cabe ressaltar, consiste em um processo sempre em construção, pois interage com o social.

Esse contexto particular, individual, consiste nas mediações, que significam as mais variadas formas culturais através das quais os públicos produtores e receptores apropriam-se das mensagens e produzem sentido. Portanto, o deslocamento dos meios para os atores sociais dentro de cenários específicos estabelecidos, constitui a complexa questão das mediações.

Dentro dessa realidade, Kellner propõe a “pedagogia crítica da mídia”, uma nova forma de ver e criticar os textos midiáticos, que acarreta resistência à manipulação e, ao mesmo tempo, promove uma tonificação do receptor com relação à cultura da mídia (dominante). Isto significa dizer que o indivíduo (receptor) estabelecerá significados e usos próprios através da sua própria cultura (lugar de fala), tendo, assim, plenas condições de discernir o conteúdo midiático, produzindo, conseqüentemente, novas formas de cultura.

3.1 A proposta metodológica da pesquisa

Para o presente trabalho, as idéias e anseios de pesquisa ganham força nos pressupostos metodológicos de Martín-Barbero (1997) e Kellner (2001). Tendo como objetivo realizar uma investigação televisiva embasada em uma pesquisa empírica qualitativa, a escolha dos autores não implica necessariamente a exclusão de outros.

Ao estudar os textos culturais midiáticos sob o prisma das relações entre ideologias, movimentos sociais e o contexto que os envolvem, inspirado pelo sociólogo Robert Wuthnow, Kellner (2001) lança mão de três categorias, a saber: horizonte social, campo discursivo e ação figural.

O horizonte social diz respeito às múltiplas relações, às práticas e experiências que se desenvolvem dentro do campo social, e que acabam, desta forma, por contextualizar o local, a época e o cenário em que se dá a produção da cultura da mídia. O campo discursivo contempla todos os elementos (atores hegemônicos e contra-hegemônicos, dominantes e dominados, superiores e inferiores) envolvidos no discurso da mídia. Já a ação figural implica mostrar os desdobramentos sociais de acordo com o contexto do público, expondo, assim, os reflexos da cultura da mídia na sociedade.

Fazendo coro aos pressupostos metodológicos de Kellner e, ao mesmo tempo,



complementando-os, Martín-Barbero estabelece, com forte ênfase na cultura e na política, o deslocamento “dos meios para as mediações”. Assim, promove três lugares de mediação, a saber: “a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural” (1997, p.292). Para esse autor, com relação ao primeiro caso, na América latina, as pessoas se reconhecem na televisão e, no Brasil, isso não é diferente. No entanto, para que essa situação possa ser entendida, faz-se necessário estudar o cotidiano dessas famílias. O segundo caso aborda a ligação entre os tempos de produção e as rotinas cotidianas de recepção. Já o último aspecto refere-se às mais variadas bagagens culturais dos componentes da esfera receptiva, o que corrobora para um modo específico de ver/ler, interpretar e usar os produtos da cultura midiática.

Portanto, sendo ativo e dono de uma cultura particular, o receptor produz determinados códigos culturais: a reprodução, em que aceita tudo o que recebe, o que o constitui em uma espécie de cúmplice do pensar hegemônico; a negociação, quando aceita algumas partes daquilo a que está exposto e outras não; e a resistência, processo em que não há aceite de propostas de sentido oriundas da mídia, o que acarreta uma construção alternativa ou contraproposta (HALL, 2003).

Conforme colocado antes, os referenciais metodológicos desenvolvidos por Kellner e Martín-Barbero apresentam muitos pontos em comum. Juntos, esses procedimentos podem originar uma reformulação no sentido de investigar as formas simbólicas construídas pelos produtores e receptores, interpretando, assim, a produção e a recepção da cultura da mídia através de outros olhares, corroborando sobremaneira para um pensar crítico.

Para isso, nesta pesquisa, julga-se pertinente a realização de grupos de discussão o que, de acordo com Lopes et al. (2002, p.57), “vem a ser uma entrevista coletiva [não estruturada] na qual o objetivo pressupõe o pesquisador sair de cena e deixar o grupo debater e refletir sobre suas próprias interpretações”. Nesta investigação, tentar-se-á, portanto, verificar a opinião de um grupo de agricultores a respeito das edições do JA sobre o MST, durante o mês de março de 2006.

4. Análises

A proposta metodológica desta investigação consiste em dois momentos: em primeiro lugar, analisar, de forma panorâmica, os textos do JA, levando em conta os



seus contextos de produção, durante o mês de março de 2006, período em que integrantes do MST, mais precisamente no dia oito de março, promoveram a destruição do horto florestal da fazenda de Barba Negra, que pertence à empresa multinacional de celulose Aracruz.

Sendo assim, o JA começa a noticiar o MST no dia dez de março, exatos dois dias após o ocorrido. Cabe ressaltar aqui que, além das matérias produzidas, o JA também dispensou atenção ao Movimento através das falas do comentarista Lasier Martins, direto do estúdio da emissora, em Porto Alegre.

Destarte, em um horizonte social que denota uma clara aversão ao MST e a reforma agrária idealizada pelo Movimento, o JA apresenta um discurso em sintonia com as forças hegemônicas, o que pode ser evidenciado, por exemplo, no comentário feito no dia dez de março, por Lasier Martins, o qual tece a sua opinião a respeito da ação das mulheres trabalhadoras rurais ligadas à Via Campesina, organização da qual o MST faz parte: “(...) é lamentável ver aquelas mulheres que serviram de massa de manobra a este trabalho que alcança repercussão mundial (...) aquelas mulheres da invasão (...) mulheres vândalas”. Essa fala também é reforçada no dia 13 de março: “(...) o caso da destruição das plantas do laboratório da Aracruz, foi apenas mais um nessa infundável e crescente trajetória de vandalismos (...)”.

Em um campo discursivo onde atuam os governos federal e estadual, ruralistas e Sem-Terra, a justiça, a própria mídia, a igreja e o empresariado, os desdobramentos (ação figural) sempre remetem à idéia de intervenção do judiciário, o que pode ser constatado na seguinte intervenção de Lasier Martins, ocorrida no dia 13 de março: “(...) protestos de movimentos sociais são aceitos pela lei, mas não danos materiais e morais (...) a maioria dos gaúchos tem o direito de esperar, de exigir o cumprimento da lei! (...)”.

Além disso, outra prática bastante comum é a de omitir os comos e os porquês das informações jornalísticas. Percebe-se, nesse sentido, que, nas falas de Lasier Martins, a questão da reforma agrária, assim como as causas das ações do MST, jamais são contextualizadas. O comentário do dia 10 de março ilustra a questão:

(...) isso não tem nada a ver com reforma agrária (...) em dois anos foram quatro invasões, sempre divulgadas, tomo mundo sabe, além de constantes incêndios das lavouras, colocação de pinos nas estradas para furar pneus, vacas com as veias das pernas cortadas à foice, para morrerem esvaídas! Enfim, ações perversas e comprovadas pela polícia nos inquiritos. Um verdadeiro terror!

Ainda nessa mesma linha, Lasier Martins defende claramente uma posição repressora da polícia para com os agricultores do MST, conforme pode ser constatado em outro momento da fala do dia dez de março:

(...) os cabeças desse Movimento precisam ser descobertos (...) até hoje, atos de vandalismo aqui no estado têm se sucedido por anos e anos, repúdios são ouvidos, mas os resultados nunca alcançados. (...) Resta esperar agora a eficiência das autoridades, da polícia e do ministério público, numa resposta positiva que estão devendo à sociedade gaúcha, e sem muita perda de tempo, senão nós teremos mais um grave caso mal resolvido, e pior, incentivador de novos ataques.

Além de categorizar as falas do JA de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos de Kellner (2001), percebe-se, também, o uso do *fait divers* no referido telejornal. A partir do momento em que o comentarista une os agricultores ao vandalismo, tem-se um claro exemplo de *fait divers* de coincidência, através do sub-tipo da antítese. Assim, os integrantes do MST constituem-se em elementos contraventores.

Nessa mesma trajetória de análise, a partir do momento em que não uma contextualização dos fatos, o *fait divers* de causalidade, através da causa perturbada, aparece nos discursos do JA. Quando questões complexas são simplificadas, torna-se impossível precisar causas e motivos.

Juntos, a televisão e o *fait divers* independem de estilo jornalístico, e mostram, ao invés de demonstrar, informar com veemência e aprofundamento, os fatos do dia, pois priorizam a superficialidade, com base no emocional (Ramos, 1999). Baseando-se nessas afirmações, observa-se que o *fait divers* implica reflexões superficiais, buscando única e exclusivamente a emoção gratuita, assim como a televisão. Como foi visto, ele está presente na mídia, inclusive nos telejornais.

Em segundo lugar, no que tange ao processo de recepção, é pertinente contextualizar o enfoque empírico da pesquisa: são agricultores católicos, pessoas de origem e formação escolar humilde, que vieram também do meio urbano em busca de melhores condições de vida.

Trajando roupas simples e bonés, não raro os membros do Movimento vestem camisetas de políticos ligados ao PT (Partido dos Trabalhadores), e bonés de líderes históricos da esquerda latino-americana, como o guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara. Os integrantes, divididos entre homens e mulheres jovens, crianças e idosos, apresentam uma linguagem típica do meio rural. Percebe-se também a utilização contínua do termo “companheiro” entre eles. Bem organizados, durante a realização do



grupo de discussão, cada um respeita a fala do outro – ordenada por inscrição – sem, em nenhum momento, interrompê-la.

Ressaltando que a visão da mídia é a de manter o *status quo*, o integrante Jatir afirmou que as empresas de comunicação – lê-se a RBS – “são os maiores inimigos do MST”, pois um trabalho desenvolvido pelo Movimento durante anos pode, “em questão de segundos”, ser arruinado por esses. Reconhecendo implicitamente a importância da grande mídia brasileira, pautou, como alternativa de resistência a este modelo, os meios alternativos. Nessa mesma perspectiva, o assentado Odair sublinhou que os grandes inimigos do MST são a mídia, o judiciário e o agronegócio.

Sobre o papel da mídia na sociedade, o mesmo Odair afirma: “Eu não tenho dúvida de que a mídia presta serviço para um modelo, o modelo econômico capitalista”. E acrescenta: “Eles [os mídia] sabem usar muito bem essa ferramenta [a informação] – que devia ser da sociedade –, para fazer esse jogo, em defesa do próprio modelo”.

Com relação a Lasier Martins, Paulo enfatiza que, certa vez, “desafiou” no ar o comentarista a conhecer a realidade dos assentamentos, o que não foi correspondido por este. Quando o assunto é pressionar o governo, Paulo alerta para o fato de que ambas instâncias – federal e estadual – eram “ativadas” pelo Movimento. No entanto, segundo ele, Martins enfocava somente as questões em nível federal.

“A RBS tem bem menos caráter do que qualquer um de nós”, afirma Jatir. Segundo ele, o Brasil sempre conviveu com desigualdades e, nesta realidade, “manda quem pode, obedece quem precisa”, indigna-se. O filho de assentados Marcelo emenda dizendo que, para a mídia, “os movimentos sociais nunca deram certo. É isso que nós [a sociedade] temos que seguir”. E finaliza: “Eles [a mídia] conhecem a história, mas não fazem nada para mudar isso”.

Fortalecendo os argumentos colocados anteriormente, Odair vê a RBS como um aparelho que cria uma imagem distorcida do MST, ligada ao crime, o que legitima uma ação dos fazendeiros e do judiciário sobre o Movimento, ao mesmo tempo em que invalida as lutas dos Sem-Terra, o que é confirmado por Jair. Neste sentido, Paulo compara os meios de comunicação (em especial a RBS e a Rede Globo) a uma arma: perigosa e com graves conseqüências na sociedade.

Com relação ao caso analisado nesta investigação, Paulo é enfático em sua fala:

Quando acontecem essas ações, e a gente tem que fazer, porque é uma luta, e nós temos que lutar, é que nem um jogo de futebol. O pobre contra o rico! Então, às vezes nós fazemos um gol neles. (...) Na questão da Aracruz foi um golaço! Porque mesmo depois nós



conseguimos abrir para a sociedade debater a questão do eucalipto, a questão do latifúndio.

Com base nas questões desenvolvidas aqui, e levando em conta as mediações dos agricultores do MST, constata-se claramente um movimento de resistência dos assentados com relação aos discursos produzidos pelo JA. Percebe-se, portanto, que as falas construídas pelos dois atores em questão (o JA e o MST) encontram-se em sentidos opostos no palco social brasileiro.

Considerações finais

É na mídia que, atualmente, encontra-se a forma dominante de cultura. Através de um véu sedutor que combina o verbal com o visual, a cultura da mídia no Rio Grande do Sul – que é a cultura da sociedade – traduz uma ampla dependência entre comunicação e cultura. Através desta inter-relação, os meios de comunicação – lê-se RBS TV através do telejornal JA – divulgam determinados padrões, normas e regras, ensinam o que é bom e o que é ruim, o que é certo e o que é errado; fornecem símbolos, mitos e estereótipos através de representações que modelam uma visão de mundo (imaginário social) de acordo com a ideologia vigente.

Nessa realidade, visualiza-se o contexto de produção do JA: apêgado a interesses particulares, que respeitam determinados dogmas, o telejornal dispensa, desta forma, determinada modelagem às suas notícias. Assim, o JA trava uma relação de cumplicidade com o poder vigente e a manutenção deste, e acaba estabelecendo simbólica e socialmente uma ideologia defensora do regime neoliberal em seus discursos. Tal cenário sedimenta uma mensagem que promove setores ligados, no caso específico da pesquisa, aos fazendeiros gaúchos, ao judiciário e, de quebra, ao governo estadual. Não obstante, legitima uma intervenção mais extremista da polícia.

Por outro lado, ao divulgar conflitos sociais entre grupos divergentes, a mídia pode vir a promover a aparição de movimentos de resistência à ordem vigente. É o que se percebe na leitura dos integrantes do MST sobre as notícias do JA. Com base nos seus contextos particulares, esses decodificam os textos do telejornal de maneira resistente.

Demonstrando sintonia com a ideologia vigente, a RBS condensa questões de alto teor de complexidade. Sem contextualizar a questão da reforma agrária no Brasil e as ações do MST, por exemplo, o JA sugere uma defesa do Estado mínimo, sem espaço



para movimentos sociais como o dos Sem-Terra, lançando mão, muitas vezes, de frases impactantes, espetaculares, portanto, do *fait divers*. O resultado disso? O enfraquecimento de determinados setores e, no caso específico desta investigação, do MST.

Muito mais do que a relação entre a RBS TV e o MST está o confronto político entre diferentes visões de mundo: de um lado, apresenta-se um grupo hegemônico, com forte ênfase no jornalismo opinativo, que age com vistas a promover e sustentar a ordem neoliberal estabelecida e, do outro, está um movimento de resistência, que se opõe a tal situação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **Ensaios críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.
- CRUZ, Dulce Márcia. **Televisão e Negócio**. A RBS em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1996.
- FERNANDES, Bernardo Mançano e STEDILE, João Pedro. **Brava Gente** – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v.24, 1996, p.68-76
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- ISER, Fabiana. **Telejornal e Identidade Étnica: mediação e recepção na recepção do Jornal do Almoço por afro-brasileiros, austríacos e letos**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela Terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- RAMOS, Roberto. **Anotações de sala de aula**. Porto Alegre: PUCRS, 1999.